

BONS VENTOS EM DIREÇÃO À LIDERANÇA

Com investimentos a todo vapor, perspectivas de avanço sobre o mercado externo e nova ferrovia, Paraná vê se desenhar condições favoráveis para se tornar maior produtor de suínos do Brasil

Por Felipe Aníbal, especial para *Suínocultura Industrial*

Com o avançar da vacinação em todo o país e com a economia global recuperando fôlego, a suínocultura paranaense retomou seu planejamento anterior que, em médio prazo, deve implicar em resultados fantásticos: a liderança da produção nacional de suínos e a ampliação de sua participação no mercado internacional. E bons ventos já sopram o Estado nessa direção. Entre eles, o investimento bilionário de cooperativas, o recente reconhecimento do Paraná como área livre de Febre Aftosa sem vacinação e a implantação de um moderno ramal ferroviário, ligando Maracaju (MS) a Paranaguá (PR), consolidando-se como um dos principais corredores de exportação do país. Todo esse movimento tem como epicentro as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, que além de serem polos produtores de grãos, concentram as cooperativas e plantas de abate e processamento de carne suína.

A Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) estima que as unidades do Estado voltadas à suínocultura invistam R\$ 771 milhões neste ano. Mas os aportes não param por aí: também estão previstos investimentos em outras áreas que têm relação direta com a cadeia produtiva dos suínos, como a armazenagem e recebimento da safra (R\$ 869 milhões), na indústria da soja (R\$ 530 milhões), na indústria de rações (R\$ 366 milhões) e em logística e distribuição (R\$ 223 milhões). "No total são R\$ 4,2 bilhões. E olhe que estamos em um ano um pouco mais conservador, em razão do momento que a gente vive, ainda com os efeitos do novo Coronavírus. Mas temos um cenário muito positivo para o médio prazo", disse o médico

veterinário Alexandre Monteiro, da Gerência Técnica de Desenvolvimento da Ocepar.

Neste contexto, um plano de expansão que impressiona é o da Frimesa - tanto pelas cifras envolvidas, quanto pelo impacto que vão provocar. Em 2017, a cooperativa começou a construir uma nova unidade industrial (a terceira do grupo), com a previsão de investimentos da ordem de R\$ 3,2 bilhões (dos quais, R\$ 2 bilhões correspondem a aportes na cadeia produtiva). Localizado em Assis Chateaubriand, no Oeste, o frigorífico deve ser o maior da América Latina: serão 148 mil m², em uma área de 15 hectares. A localização é estratégica. A planta fica a cerca de 150 quilômetros da sede, em Medianeira, também no Oeste, e a 18 quilômetros do traçado da Ferroeste. Nem a pandemia alterou os planos da empresa.

“Não dá para parar os investimentos com base nos fatos presentes, por-

que a cadeia de suínos tem maturação de médio e longo prazos. Os investimentos levam, por exemplo, de dois a três anos para se concretizarem. Nós estamos olhando lá na frente”, disse o diretor-executivo da Frimesa, Elias Zydek.

A previsão é de que o novo complexo industrial fique pronto em 2022. E o potencial é enorme. Hoje, as duas plantas da Frimesa têm capacidade para abater 8,3 mil cabeças por dia. A nova fábrica deve abater, inicialmente, 7,5 mil cabeças. Após 2028, quando a unidade deve operar em capacidade máxima, de acordo com o cronograma de investimentos, o potencial será de 15 mil animais por dia. Ou seja, em seis anos, a cooperativa vai praticamente dobrar a sua produção. “Estamos muito animados para o médio e longo prazos”, resumiu Zydek.

Outro plano robusto é o da Lar Cooperativa Agroindustrial, que projeta investir R\$ 2,4 bilhões nos próximos três anos - até 2024 -, em projetos que contemplam a avicultura e a suinocultura, no Oeste e Norte do Paraná. As obras de aumento de capacidade de produção acontecerão nas unidades industriais de Santa Helena, Medianeira (R\$ 135 milhões), Cascavel (R\$ 82 milhões), Rolândia e Marechal Cândido Rondon (R\$ 460 milhões). “Nenhum

outro setor investe tanto quanto a nossa.

Já existe uma integração

Crédito: LittlePerfectStock/Shutterstock



Crédito: Alexandre Marchetti/Itaipu Binacional

Com mais de 50% da obra concluída, a segunda ponte entre Brasil e Paraguai deve facilitar a entrada de grãos paraguaios e de outros insumos para abastecer os sistemas de produção animal no país

e o Estado está fazendo a sua parte, mas estamos acelerando os projetos e temos a sinalização de que haverá essa urgência", disse Irineo da Costa Rodrigues, presidente da Lar.

INVESTIMENTOS A TODO VAPOR

O aporte na cadeia de suínos leva em consideração a instalação da Frimesa em Assis Chateaubriand. Hoje, a Lar fornece 3 mil suínos por dia para a Frimesa e tem 246 granjas em 12 municípios do Oeste. O grupo trabalha com 2,5 mil matrizes avós, 95 machos para a produção de sêmen, 30,6 mil matrizes, 60 mil em crechários e 690 mil leitões. Com investimentos a serem feitos por produtores em cinco crechários e 44 granjas, a produção deve aumentar até 45%. A expectativa é de que em 2024 a Lar tenha 3,1 mil matrizes avós, 150 machos, 45,5 mil matrizes, 90 mil em crechários e um milhão de leitões.

No Centro-Sul, a Agro Laranjeiras também planeja investimentos. Ao longo dos próximos anos, o grupo vai aportar R\$ 377 milhões na implantação de um complexo industrial, com duas Unidades Produtoras de Leitões (UPL). Com capacidade para alojar 31,2 mil matrizes suínas, a Agro Laranjeiras irá fornecer leitões de até 7,5 kg para a Lar Cooperativa Agroindustrial e o Grupo Globoaves, que tem investido em suinocultura, fazerem

a terminação destes animais. A projeção da empresa é que seu fornecimento de leitões resulte em 4,7 mil suínos abatidos por dia, a um peso médio de 125 quilos por animal, por intermédio das empresas parceiras no negócio. Com isso, a meta anual é chegar a 121 milhões de quilos. "A partir de agora, iniciamos a fase de licenças ambientais para início ou fim de janeiro [de 2022], para começarmos a implantação do projeto. A ideia é, em um ano ou ano e meio, fazermos a construção. Após o início das obras, entre 12 e 14 meses, iniciamos o povoamento das granjas", disse Jorge Munari, acionista da Agro Laranjeiras e desenvolvedor do projeto.

No Noroeste do Paraná, entre Paranavai e Santo Antônio do Caiuá, estão em andamento as obras de instalação de um núcleo genético e de uma Unidade de Disseminação de Genes (UDG) da empresa Agrocere PIC, multinacional líder em genética de suínos. Com 70 mil metros quadrados de área construída, a unidade começou a ser edificada em abril, com previsão de começar a operar em 2022. A granja núcleo terá capacidade de alojar 3,6 mil fêmeas de elite, com produção estimada de 110 mil animais por ano.

"A questão da biossegurança é muito importante para a empresa. Escolhemos a região por ainda não existir uma grande concentração de suínos, o que diminui o risco



Com investimentos de R\$ 3,2 bilhões, somando obra e aporte na cadeia produtiva, o novo frigorífico da Frimesa será o maior da América Latina, com capacidade para 15 mil suínos abatidos/dia

de entrar uma nova doença no rebanho. Pelo projeto ser para uma granja do tipo da pirâmide genética, temos de ter um alto status sanitário", disse o gerente de Produção da Agrocere PIC, Newton Hector Brun.

EXPORTAÇÃO É O CAMINHO

O avanço da suinocultura paranaense passa, necessariamente, pelo mercado externo. No ano passado, mesmo com os efeitos da pandemia, o Paraná ampliou em 20,5% as exportações de suínos, chegando a US\$ 300 milhões. No primeiro semestre deste ano, as vendas externas da suinocultura paranaense já chegaram a US\$ 166 milhões (aumento de 10,4%). O mercado interno, é claro, continua sendo o mais importante no mix de comercialização, consumindo cerca de 80% da produção. Mas a ideia é, cada vez mais, ampliar a participação externa. "Com os investimentos, estamos aptos a exportar para qualquer país. Vai depender das barreiras comerciais. A Frimesa tem como projeto ampliar de 20% para 30% o percentual da nossa produção que vai para exportação", disse Zydek.

Neste contexto, o reconhecimento do Paraná como área livre de Febre Aftosa sem vacinação - ocorrido em maio deste ano - é determinante. O novo status funciona como um selo, que atesta a excelência sanitária do Estado. Isso exerce um impacto positivo em todas as cadeias de

proteína animal, em especial a suinocultura. Antes dessa chancela, 65% dos mercados internacionais sequer abriam negociação com o Estado por questões sanitárias. São consumidores que já entraram no alvo dos *traders*. "O Japão, por exemplo, paga entre 25% e 30% mais por causa de padrões que exigem. Nós já estamos em conversas adiantadas com eles", adiantou Zydek.

"O reconhecimento internacional repercutiu muito sobre a carne suína, que é a cadeia que mais deve se beneficiar. Apesar dos esforços de recomposição do plantel da China, a Ásia segue comprando muita carne suína. Coreia e Japão são destinos interessantes, assim como a União Europeia", apontou Luiz Eliezer Ferreira, do Departamento Técnico Econômico do Sistema FAEP/SENAR-PR. "Até meados do ano que vem, o setor ainda deve ter algum problema com custos de produção, mas o câmbio e os preços no mercado interno e externo estão compensando. Tanto que os números são de alta", acrescentou.

AVANÇOS EM INFRAESTRUTURA LOGÍSTICA

A região Oeste se localiza a cerca de 600 quilômetros do Porto de Paranaguá - por onde os produtos agropecuários são exportados. No caso da suinocultura, praticamente toda a produção é escoada por via rodoviária,



Crédito: Jonathan Campos/AEN-PR

Os planos de investimentos de R\$ 2,4 bilhões da Lar foram apresentados pelo presidente da cooperativa, Irineo da Costa Rodrigues, ao governador do Paraná Carlos Massa Ratinho Junior no início deste ano

em razão de entraves logísticos no modal ferroviário. Há dois gargalos: um na Serra da Esperança, no Centro-Sul, e outro na Serra do Mar, no Litoral - cujo traçado remonta aos tempos do Império. Para cumprir o trajeto de Cascavel a Paranaguá, por exemplo, um contêiner demoraria cinco dias. Como os produtos da suinocultura precisam ser transportados em câmaras refrigeradas, a duração do percurso praticamente inviabiliza o transporte pelos trilhos.

Mas um projeto alvissareiro está em vias de solucionar essa questão estrutural. Em 2022, o governo do Paraná vai levar a leilão na B3 (a Bolsa Brasileira) a concessão da Nova Ferroeste, com o objetivo de implantar um novo corredor ferroviário, ligando Maracaju a Paranaguá, em um traçado que contempla Cascavel e Foz do Iguaçu, na região Oeste. A estimativa do governo é de que sejam investidos pelo menos R\$ 30 bilhões, por meio da concessão. O cronograma vai ser definido em setembro, mas a expectativa da Ferroeste - empresa estatal do governo do Estado - é de que o ramal seja instalado em um prazo de seis anos.

"D. Pedro II fez a [linha da] descida da Serra do Mar em cinco anos. Com os recursos de engenharia que temos, não podemos perder pra ele", brincou o coordenador

do Plano Estadual Ferroviário, Luiz Henrique Fagundes. "E o empreendimento que revoluciona a matriz logística do Paraná. Os principais players vão poder usufruir dessa infraestrutura, reinvestir no seu negócio. O mercado vai atrair novas empresas, porque o ambiente será propício. Só no primeiro ano de operação da rodovia, teremos um ganho de R\$ 2,5 bilhões em produtividade logística", afirmou.

Com o corredor ferroviário em operação, a estimativa é de que o transporte de cargas da região Oeste a Paranaguá leve 20 horas. A estrutura permitirá o tráfego de composições com pelo menos 150 vagões - com capacidade equivalente à de 600 caminhões. Além disso, uma alteração feita na Constituição do Estado permite que o malha seja capilarizada em *shortlines*, interligando a ferrovias às indústrias. A projeção do governo indica que a ferrovia vai provocar uma redução média de 28% no custo logístico do Paraná.

"Pegando como exemplo a Frimesa: eles estão a 18 quilômetros do traçado. Pode ter uma *shortline*, interligando a fábrica à ferrovia. Não precisaria de caminhão. O vagão já ficaria pronto dentro da fábrica, esperando a composição para engatar e levar para o porto", apontou Fagundes.

FEIRA DA INDÚSTRIA LATINO-AMERICANA DE AVES, SUÍNOS, PEIXES E LEITE



América Latina | 2022

26 a 28 • Abril

Medianeira • Paraná • Brasil

REALIZADO EM CONJUNTO COM:



Juntos no **maior ponto de encontro**
do setor de **proteína animal**
da América Latina.

Solicite uma proposta e garanta já seu stand!



avesui.com

ORGANIZAÇÃO: **Gessulli**
AGRI-BUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



☎ 11 93292.1843 ✉ avesui@gessulli.com.br

📷 feiraavesui 🏢 Gessulli Agribusiness 📺 TV Gessulli

APOIO



VISITAÇÃO PROIBIDA À GRANJAS



Crédito: Alessandro Vieira/AEN

O projeto da Nova Ferroeste irá modernizar o trecho entre Cascavel e Guarapuava e ampliar o seu traçado, ligando Maracaju (MS) à Paranaguá (PR), reduzindo assim o custo logístico em até 28% no primeiro ano de operação

INTERLIGANDO GRÃOS À PRODUÇÃO ANIMAL

Outro ponto importante é que a ferrovia também deve contribuir diretamente para o abastecimento do Oeste Paranaense com soja e milho provenientes do Centro-Oeste. Apesar de o Paraná ser o segundo maior produtor de grãos do país, seria uma alternativa interessante, principalmente em períodos de escassez - como no início deste ano, por exemplo, quando produtores chegaram a penar para encontrar milho, em razão da quebra na safriinha. Juntos, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul produzem mais de 100 milhões de toneladas de grãos a cada safra. "As cooperativas e agroindústrias do Paraná poderiam receber soja do Mato Grosso, via Maracaju, por exemplo. Não é só no escoamento da produção, mas também para receber insumos. É um ganho logístico imenso, que vai ajudar a suinocultura do Paraná ser líder no país", observou Fagundes.

Além disso, uma ponte que ligará Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná, a Presidente Franco, no Paraguai, já está com mais da metade de suas obras concluídas. Financiada pela Itaipu Binacional e orçada em R\$ 463 milhões, a

ponte e a via de acesso até a BR-277 devem ser entregues em 2022. O complexo deve funcionar, na prática, como mais um meio de chegada de insumos à região. "No caso do milho, por exemplo, facilitaria muito a importação diretamente do Paraguai. Da mesma forma, os produtos produzidos aqui no Paraná, sejam grãos ou carnes, vão chegar mais rapidamente ao país vizinho. É mais uma alternativa", apontou Nilson Hanke Camargo, consultor de Logística da Federação da Agricultura do Paraná.

Hoje, o Paraná é o segundo maior produtor de suínos do país, com 936 mil toneladas por ano, ficando atrás apenas de Santa Catarina. Para especialistas, no entanto, os investimentos e as projeções internacionais criam condições para que o Estado tome a liderança do setor. "São perspectivas muito favoráveis. Somos referência na produção de suínos, temos oferta de insumos, de ração e sabemos produzir. Temos mão de obra capacitada, com o trabalho do SENAR-PR, e os preços pagos ao produtor melhoraram. Com esse ganho logístico, o setor tem tudo para avançar mais nos próximos dez anos", disse Luiz Elizer Ferreira. "Temos ótimos ventos soprando a nosso favor", finalizou. 



B-TRAXIM

**LINHA DE MINERAIS ORGÂNICOS QUE GARANTEM AO PRODUTOR
MELHORES RESULTADOS E MAIOR RENTABILIDADE**

B-TRAXIM 2C – Inovação & Superioridade Técnica

A alta biodisponibilidade e estabilidade dos minerais orgânicos da Pancosma ligados à glicina, representam a solução ideal para a indústria animal.

B-TRAXIM PRO – Soluções Únicas e Equilibradas

Somente a Pancosma oferece ao mercado mundial a linha B-TRAXIM PRO. Produtos inovadores que reúnem, em uma única partícula cristalina, vários microminerais ligados à glicina.

B-TRAXIM Se 11 – Alta Concentração de Selênio Orgânico

A solução eficaz e segura para suplementação orgânica do selênio para a nutrição animal.

Um agro que cresce sem fronteiras

A produção de proteína animal e grãos avança por toda a região Sul, agregando a vinda de insumos do Centro-Oeste e de países vizinhos, como Argentina e Paraguai. Os avanços em infraestrutura logística devem promover uma forte interligação nos próximos anos, gerando competitividade a todo o agronegócio deste enorme *agro cluster*.

Por Felipe Anibal, especial para *Suínocultura Industrial*



Traçado da Nova Ferroeste, que irá ligar Maracaju (MS) até o porto de Paranaguá (PR) e, no Oeste, chegando até Foz de Iguaçu, na fronteira com o Paraguai e Argentina



Produção do Paraná

Veja como foi a evolução de carne suína do Paraná ao longo da última década e a participação das cooperativas (em mil toneladas)

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Total	478,8	529,7	682,1	690,1	676,2	777,7	798,6	800	775,9	841,3	936
Cooperativas	151,7	175,7	202,5	231,4	240,5	293,5	319,4	321,4	331,4	352,6	343,5
% das cooperativas	37%	38%	34%	35%	43%	41%	40%	41%	45%	41%	40%

Fonte: Ocepar





Investimentos

As cooperativas do Paraná devem investir R\$ 4,2 bilhões em 2021. Veja quais são as áreas (em milhões de R\$)

Armazenagem e recebimento da safra	Suínocultura	Avicultura	Indústria de soja	Rações	Logística e distribuição	Setor administrativo	Tecnologia da informação	Psicultura	Outros setores
R\$ 869,80	R\$ 771,10	R\$ 731,10	R\$ 530,70	R\$ 366,80	R\$ 223,70	R\$ 122,40	R\$ 75,10	R\$ 71,70	R\$ 478,30

Fonte: Ocepar

Mercado Internacional



Veja o desempenho das exportações do Paraná, ao longo dos últimos anos (em US\$)

Ano	2019	2020	2021*
Brasil	1,6 bilhão	2,2 bilhões	1,3 bilhão
Paraná	249,1 milhões	300,6 milhões	166,6 milhões

*primeiro semestre

Produção de Soja no Paraguai

Safra	Produção Comercial (Ton)
2016-2017	10.336.144
2017-2018	10.262.575
2018-2019	8.512.008
2019-2020	10.250.800
(*) 2020-2021	9.000.000

Produção de Milho no Paraguai

Safra	Produção Comercial (Ton)
2017	4.125.000
2018	4.600.000
2019	5.019.586
2020	4.500.000
2021(*)	3.000.000

(*) Estimativa +/- 5% sujeito a variação

Fonte: Cámara Paraguaya de Exportadores y Comercializadores de Cereales y Oleaginosas (Capeco)



Balanco de oferta e demanda 2020/2021, **Milho** (Tn) 01/03/2021 a 28/02/2022 na Argentina



5,88 M

Estoque Inicial



60,50 M

Produção



-

Importação



38,50 M

Exportação



3,85 M

Indústria



17,50 M

Fornagem



6,53 M

Estoque Final



Balanco de oferta e demanda 2020/2021, **Soja** (Tn) 01/04/2021 a 31/03/2022 na Argentina



10,15 M

Estoque Inicial



46,00 M

Produção



2,50 M

Importação



7,00 M

Exportação



45,15 M

Indústria



-

Fornagem



6,50 M

Estoque Final



Fonte: Dirección Nacional de Agricultura - Dirección de Estimaciones Agrícolas



Abate*

	5,34%
Mato Grosso do Sul	
	21,10%
Paraná	
	30,73%
Santa Catarina	
	19,08%
Rio Grande do Sul	
	4,436**
Brasil	

Exportação

Paraná	13,59%
Santa Catarina	51,68%
Rio Grande do Sul	25,79%
Brasil	1,024**



Abate*

	2,89%
Mato Grosso do Sul	
	35,47%
Paraná	
	14,88%
Santa Catarina	
	14,02%
Rio Grande do Sul	
	13,845**
Brasil	

Exportação

Mato Grosso do Sul	4,16%
Paraná	40,19%
Santa Catarina	23,39%
Rio Grande do Sul	16,45%
Brasil	4,231**

Fonte: MAPA e Secex, dados de 2020

*Abates com SIF
**Milhões de ton.